

POR UMA CULTURA DE VIDA

O

mundo em que vivemos

Se desejamos uma reflexão séria e equilibrada sobre o nosso tempo e o mundo em que vivemos, temos que reconhecer que vivemos numa contradição entre o ambiente – em sua mais ampla concepção – e a vida que existe em nosso planeta, o único por nós conhecido por experiência própria. Há que considerar esse paradoxo em que convivem – talvez, melhor, se atropelam e conflitam –, o inegável desenvolvimento material, com formas de vida colocadas em plano secundário, o que determina todo um amontoado de sofrimento e desagregação, pessoal e social, indesejável porque priva todo o contexto de valores essenciais à própria vida, que deveria ser o atributo maior deste pequeno, mas robusto, planeta.

Não é difícil perceber que a preocupação maior e mais constante é com o que se convencionou chamar de “desenvolvimento”. E não há como negar o grande impulso que o conhecimento científico e a tecnologia cor-

respondente provocou, com transformações na aparência e no desempenho do mundo em que vivemos. Como, também, não é possível esconder a enorme gama de questões, problemas e conflitos que, simultaneamente, afligem e desfiguram a vida na Terra.

Convenhamos que algumas “conquistas” dos homens – em que se apóia todo o justo orgulho de quem as tornou possível – não são absolutas, mas, ao contrário, são ambivalentes e contraditórias:

¹ conseguiu-se a fissão do átomo; com isso, a fonte de energia daí advinda deveria trazer enorme tranqüilidade à comunidade humana, sempre ávida de energia. Não foi o que aconteceu, e, a partir daí, estamos experimentando sempre a inquietude da suspeita de que a energia nuclear seja empregada contra a vida, a exemplo de Hiroshima e Nagasaki;

¹ desenvolveu-se o sistema de comunicação, mas não o de inter-relacionamento: segundo Saramago, “podemos ir à Lua, mas não sabemos ir à casa do nosso vizinho”; as relações entre



Três fases da borboleta

os seres humanos, pessoais ou entre as nações, prosseguem, sendo cada vez mais difíceis;

1 nasceu e desenvolveu-se a cibernética, aumentam a “eficiência e produtividade” do trabalho, ganha-se mais dinheiro em menos tempo; mas aumentou o desemprego em proporções nunca vistas, para o que ainda não se descobriu solução correspondente; cresce assustadoramente, em todo o planeta, o desemprego, com seu corolário de preocupações;

1 o desenvolvimentismo proporciona a multiplicação e aperfeiçoamento das formas de astronavegação, assegurando facilidade e democratização do transporte de gente; mas, também, aprimoram-se os instrumentos de destruição por mecanismos transportados por via aérea;

1 os progressos no campo do conhecimento e sua tecnologia, em muitas áreas da existência da pessoa, não trouxeram a solução dos problemas humanos, pois novas preocupações surgem sempre, a cada dia: lembremo-nos de tantas novas doenças que existem, hoje, ao lado da descoberta de curas para enfermidades já conhecidas. E pensemos na sem-cerimônia com que se utiliza a enganação, a desfiguração e a supressão da verdade, representadas em termos de desesperança e desconfiança: prolongou-se a duração da vida humana, mas a velhice passou a ser um problema a mais;

1 a ciência da computação evolui rápida e prodigiosamente, trazendo facilidades a trabalho. Mas, pelo menos até agora, o computador segue sendo uma máquina fria, sem o insubstituível “calor humano”, elemento essencial ao fraterno relacionamento das pessoas. Já Charles Chaplin – o Carlitos, que tanto encanto trouxe à nossa infância – observava, criticando o itinerário escolhido para o desenvolvimento por aqueles que detêm maior poder – o de decidir o caminho para todos: “mais do que máquinas precisamos de humanidade, mais

do que inteligência precisamos de afeto e doçura. Sem essas virtudes a vida será de violência e tudo estará perdido”. E não é o que estamos experimentando nos dias que correm?

E o que podemos fazer?

Por sombrio que possa ser o quadro, estamos diante de um desafio: há que se considerar a importância do que se convencionou chamar de desenvolvimentismo, a evolução da matéria, ciência e tecnologia especificamente. E, ao mesmo tempo, nega-se à pessoa sua dimensão espiritual, pelo que ela é reduzida, cada vez mais, a uma peça, um objeto, uma coisa. Dessa forma, não é difícil compreender e até justificar a multiforme insatisfação que atinge a pessoa em seu indispensável processo de humanização progressiva, recusado ou prejudicado. São fatos a que assistimos em todos os recantos de nosso planeta, cujas reações se expressam em termos de multiforme criminalidade, de uso de drogas, crescente marginalização, porque é sempre maior o número de pessoas ou comunidades privadas do mínimo essencial à vida. Voltemos a Charles Chaplin, quando diz que “...mais do que máquinas precisamos de humanidade, (...) de afeto e doçura. (...) a vida será de violência e tudo estará perdido”.

Trata-se, então, de criar, no contexto materialista atual, uma mística acerca da sacralidade da vida e da dignidade da pessoa humana. Algo que não necessita ser inventado pela ciência e torna-se possível pela técnica. Pois nenhuma das realidades de que o homem realmente necessita para se fazer pessoa é produto da indústria, nem mercadoria que se encontre nos balcões de supermercados a troco de dinheiro. Mas que se constroem, no dia-a-dia da existência, com a força magnífica do amor, isto que já existe em germe, quando cada pessoa humana é gerada e nasce. Força de muitas faces, como a solida-



Borboletas em evidência

riedade, a amizade, o respeito, a misericórdia e a compaixão – fundamentos da justiça –, entre muitas outras que, para crescerem e se fazerem presentes, precisam apenas ser exercitadas continuamente e, sobretudo, distribuídas a quem delas precisar, com a gratuidade que as torna disponíveis e fecundas. São valores que, se não utilizados dessa maneira, se atrofiam e se fazem inúteis, até o desaparecimento completo. É a riqueza que não é encontrada na bolsa de valores criada pelo modelo econômico vigente, mas que somente cresce na medida em que se destina ao “outro”, em magnífica partilha que nos faz comunidade.

Nasce um projeto

Em meados dos anos 90, a Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte fez construir, na área de terreno sob sua responsabilidade, por inspiração grande e simples a um só tempo de um professor universitário e um operário de indústria, instalações que tornaram possível a criação de borboletas em cativeiro, o estudo de suas peculiaridades, sua curta e rica existência, os riscos e as virtudes que lhes são próprios, enfim todo um conjunto de manifestações que sempre existiram nelas, mas que nós, sempre ocupados demais, raramente prestamos atenção.

Em uma instituição como aquela Fundação, cujo desempenho inclui o cultivo e o cuidado de muitas formas de vida – inclusive a humana –, onde se dá a convivência de cerca de 800 mil pessoas por ano, convivência enriquecida até mesmo por dificuldades em coexistir, na infinita e exuberante diversidade que felizmente emprega riqueza à vida, essas dificuldades e conflitos eram parte integrante do dia-a-dia da instituição e sua expressão maior – a humanização das pessoas, uma das funções dos administradores daquela Fundação, o que tornava-se, muitas vezes, áspero e penoso.

Os frutos da iniciativa de se colocar borboletas – esse inseto pequenino, delicado e maravilhoso a um só tempo – no itinerário dos visitantes, independentemente de sua idade ou de quaisquer outras variáveis, trouxeram para a convivência humana uma série de benefícios inesperados que, não há dúvidas, colaboram para reduzir muitos atritos e incompreensões freqüentes dos visitantes que ali comparecem. Houve, sem dúvida, modificação no comportamento das pessoas em seu relacionamento, entre si e com os servidores da instituição, a qual, então, pôde aprimorar um elemento forte e fecundo no relacionamento das pessoas.

Não é difícil entender que a figura das borboletas, tudo aquilo que ela é em seu comportamento, trouxe acréscimos positivos à vida humana dos que a contemplaram, vida tragicamente reduzida em sua importância, suas aspirações e até mesmo em sua destinação.

Da curta e trabalhosa existência que foi reservada à borboleta, recebemos lições magníficas da beleza de suas cores, da elegância de sua postura, da delicadeza em seu modo de ser, do trabalho constante, árduo e silencioso, como que sabendo de sua curta existência, o que exige dela bem aproveitar o tempo que lhe é dado para viver.

Gandhi, aquele indiano magnífico, manifesta seus pensamentos diante de um casulo de borboleta:

1 fala de seu respeito pelas “feias lagartas que adormecem esperando a magnífica metamorfose”. Aí vemos as figuras do respeito, da aceitação, da paciência e da confiança;

1 “lá dentro, silenciosamente, invisível, a vida amadurece vagarosamente”;

1 “chegará o momento em que ela será grande demais (com seus atributos) para o invólucro que a contém”;

¹ “e ele se romperá, não lhe restará alternativa e a borboleta voará livremente, deixando a sua antiga prisão. Voar livre, liberdade”. Palavra que se diz sempre cheia de esperança e doçura. Reflexão que nos cabe fazer, pensar naquilo que, em nós, nos impede de sermos realmente livres.

Muito diferentes as visões, Gandhi faz comentários sobre o que, também, se passa com um ser humano: este não se faz na hora do parto, mas começa a existir bem antes. Permanece fazendo-se no silêncio, na obscuridade e no recato. Mas já se comunica com alguém e já depende desse alguém. O nascimento é o aparecimento, a revelação do que foi semeado com amor. E é desse amor que ele vai depender sempre, ao longo do tempo, na construção de seu ser. Essa dependência é uma necessidade imperiosa. Aí está um convite, mais do que isso, um imperativo para refletirmos sobre a violência, a criminalidade, o uso de drogas em um mundo “desenvolvido” em termos de ciência e tecnologia, cada vez mais ausente a dimensão humana.

Voltemos a Gandhi: “não haverá parto se não houver semeadura muito tempo antes, como não haverá borboleta se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”. Magnífica lição de esperança, também de solidariedade, verdade e justiça. Justiça de que tanto se fala, mas está cada vez mais distante, porque, com o predomínio da preocupação material, vamos nos distanciando das duas bases dessa justiça, que somente existem de mãos dadas, a compaixão e a misericórdia.

Por estranhas e dolorosas que possam ser, as metamorfoses são essenciais caminhos naturais e exigências ao aprimoramento da vida. Se a liberdade de cada ser for traduzida à força, prematura, ela não levará à plenitude da vida, mas à própria morte. É o que acontecerá com a borboleta “se a ajudamos a romper

o casulo” sem que esteja pronta para ser livre.

As lições que nos são reveladas por esse inseto de aparência frágil, nos levam a refletir sobre aquilo que, em cada ser humano, pode e deve dar estímulo para lutar pela superação do que, em nós, nos faz escravos de inclinações e paixões que comprometem nossa verdadeira estatura humana.

Desenvolvendo o projeto

Um projeto para levar as borboletas a serem mestras das comunidades urbanas despontou a partir dos resultados obtidos na própria Fundação Zoobotânica de Belo Horizonte. Nunca se pensou na construção de borboletários, mas em auditórios mais amplos, ruas e praças das cidades do nosso Estado. Utilizamo-nos, para isso, da existência plena do aproveitamento da liberdade que permite às borboletas serem donas de sua vida, sem barreiras de qualquer espécie: ao alcance da vida e da sensibilidade de todos, virtudes cujo exercício é capaz de fazer os homens mais fortes através da contemplação desses pequenos seres.

Para que isso fosse possível, o primeiro passo foi a reedição de um álbum – também publicado pela Fundação Zoobotânica na época da instalação do borboletário. Nele está contida matéria bem-elaborada, textos e desenhos muito bem-feitos, tudo capaz de despertar o interesse do leitor. Foi obtido apoio do Ministério do Meio Ambiente, através da sensibilidade do então ministro José Carlos Carvalho.

Uma nova prancha foi elaborada e inserida no álbum original: borboletas, mariposas, gente, com matérias que oferecem razões e caminhos necessários aos primeiros passos para a iniciativa em cada município. Sem qualquer outro objetivo que o de oferecer “investimento na alma das pessoas”, de um lado um conto singelo que reproduz um fato repetidamente

acontecido, conseqüência da emoção causada em crianças diante dos encantos desses pequenos insetos. No verso dessa mesma prancha, vai, como sugestão, lista de espécies de flores a serem plantadas nos jardins e praças de cada área. Na mesma página, na parte inferior, é oferecida a relação de plantas em cujas folhas as borboletas vão colocar seus ovos, plantas que serão alimento para as larvas desde seu nascimento. Esse material tem sido entregue às prefeituras sem quaisquer despesas, com explicações simples e objetivas que colocam os prefeitos como responsáveis ocasionais pela execução do projeto. Esse é o trabalho que vai sendo feito pessoalmente pelo signatário destas linhas ou por pessoa a ele ligada por conceitos semelhantes, em ritmo lento, diante das dificuldades naturais, mas que vai sendo feito de forma animadora.

As lições das borboletas

1 as provações e sofrimentos no processo de crescimento, essenciais ao desenvolvimento. Aqui cabe refletir sobre o mal que fazem os que pretendem “ajudar” pessoas e povos (Iraque, Haiti, Venezuela), intervindo em sua vida – tanto pessoal como política, econômica e até militar – a pretexto de poupá-las ou para dominá-las, o que jamais assegura algo de positivo em favor dos “ajudados”;

1 a solidariedade, pois as borboletas polinizam, promovem a fecundação que vai garantir novos exemplares;

1 a beleza das cores, a elegância dos movi-

mentos, afagos à nossa alma, a alma humana que, mergulhada na violência e na dificuldade de se relacionar, sente falta da delicadeza, da partilha e do companheirismo;

1 a coragem ao longo da vida, diante da perseguição atroz que atinge povos e lagartas e, mesmo borboletas adultas, para simplesmente eliminá-las, em busca de lucro financeiro, com o comércio de seus atributos e beleza;

1 outro fator comovente: o silêncio em que vivem, nem um só ruído marca suas horas de esforço para se libertarem do casulo; nem mesmo enquanto lutam por alimento ou na construção de abrigo que a proteja. Lembrar a exemplar atitude de silenciosa perseverança em continuar encantando a vida;

1 ainda – ter atenção para com a aparente fragilidade da borboleta, apenas apoiada em seu valente propósito de superar-se sempre nos obstáculos que lhe são colocados pela violência, pela maldade e pela ignorância, para prosseguir vivendo. Eis aí o exercício de “uma cultura da vida”.

O modesto esforço que se encontra neste projeto junta o homem comum, a pessoa em seu domicílio – casas, ruas e praças –, com o poder, constituído em um trabalho lado a lado, que tem por objetivo humanizar pessoas e fortalecer a comunidade na medida em que faz o ponto de apoio para que todos possam amadurecer nos diversos planos nos quais se expressa a vida humana.



